

# *ESTE RECLAMA UM HERÓI*

**Marcos Roberto dos Santos Amaral**

este reclama um herói  
Este renega a inversão dissimulada  
ESTE não quer somente só rir  
O palavrão passou à boca errada  
E a elegância também  
Que post reposto  
Outro reconhece ser hipersensível  
A que lhe contrariem  
Mimo não é riso nem siso

Por quanto tempo sonhastes naqueles lindos véus celestes  
Em que ondulavam órbitas  
Para as quais ciciavam silentes *sou(l)d out*  
Contra que brincam brincantes alegres alegrias por ondem  
[pascem cerveja e suor

isso inexistente e forja essências e

Aquela farsa e  
Aquele conto e  
Aquilo acedo  
E

São variadas formas com que se contemplam os des(a)tinados  
não esperavam encantar nada daquilo que nunca foi perdido  
nem tampouco ansiou tomar algo insondável  
Apenas se ascenderam todas as luzes enquanto se fechavam as cortinas fogo fátuo  
frases flácidas pontos pintados canto longe  
São pouco os que conseguem perceber que na vida, nada é porque deveria ser,  
[embora ao percebermos que são  
Admitamos que assim o são porque deveriam sê-lo  
Não desconsiderando ainda assim  
Que se possa ser o contrário ou outra coisa ou mesmo todas  
e... e...

Que não se possa dizer que nada seja dito, apenas aquilo que inviabiliza  
[dizeres solidários  
Os corrutos ditos Os ditos que matam existem mas não parem  
O que importa para se zelar sagradamente é o que faz fazer nascer

As glândulas jorram odores os poros ensopam tremeliques e os tatos imiscuem corpos  
A Tonga da Mironga do Kabuletê

Ah, Sonhos, quantos sois, meus sonhos, de quais ais  
Oh, Sonhos, fostes feitos!  
Por quais recantos 'stais enquadrados a sós!  
Oh, Sonhos fostes onde!  
Por quais campos tão plácidos endireitastes!  
Oh, Sonhos de tão belos!

No Pain No Gain  
Sem quinze minutos sem zap  
Sem altura  
Só média  
mídia mia!  
Mama danda, que a canga calha e valha-me

Deus de al  
to a  
bai  
x  
oxalá insha'Allah

Mas é claro que essa canção de glória dessa vã criatura indecide se vaticina  
[se dá ou se desse

– Nessa fortuna roda a indecidibilidade cruel!

– Quem disse isto!

E assim dissimula a falta de dizer em rodopios de dizeres sem sentido

Sentidos de um jeito por uns e de outro por outros de outro por outros e por outros  
de outros sentidos de uns jeitos

– porquê não te calas!

Dizeis, por ventura

Ou “porquê falas!”

Ao que podeis ouvir dizerem: não posso não dizer nada; sou quando digo, em silenciando ou não, digo quando calo e calo quando digo tantos dizeres que comporão minhas existências que existem algumas em mim, mas a maioria fora de mim nas tuas bocas que dizem. Mas não pode. Retrucaram. Quem. Perguntais. Ou não perguntais. Mas pode ser perguntado, posto que já perguntaram, por isso pode ser perguntado. Mas pode. Pergunto. Ou não pergunto. Apenas provocam-se. E assim, é premente responder o que fazer diante do roubo, da traição, do assassinato, do ódio. Não seria melhor ser claro. Mas sempre se foi claro, nos criamos na clareza, e a ofensa existiu e resistiu e foi deliberada. O que fazer. Dizer de outra forma. Qual.

Oh sonho se não fosseis sonho vos comia com farinha

E escorregava um novo herói

Que leria em vossas almas as paixões de que não abrimos mão para jogar nossos jogos  
de pavão no shopping center da moda com o badulaque viralizado da  
moda e os trejeitos da

moda a própria moda em pessoa

reclamando renegando mendigando companhia não dizendo nada de novo no *front*

Há pessoas e pessoas e (posto que como se diz todos  
Terão seus 15 min e)  
*stories* e histórias  
Sempre houve há haverá  
Entre caras bocas torcidas enquadradas em placas de estanho  
Nossa linha de tempo está sedimentada por pó e pixels  
tal qual aníbal marchara com elefantes nos picos

Vencedores, sua batatas  
Perdedores, perdemos-nos

Nosotros, naveguemos, é preciso  
Quais são nossas questões nossos humores nossos tinos  
Quando o tédio mata e viraliza piada  
Quando o mesquinho encanta uma novela  
Quando a beleza é a primeira a ser lembrada  
Dize algo, estranho  
Quando a inscrição é barganhada  
Dize algo, obscuro  
Quando a fofoca e bafafá dos comentários sobrepujam o próprio mote  
Dize, ambíguo, informe, grotesco, absurdo

A menina  
Com uma rosa  
'Trás os montes  
Frente um lago  
Diz pra si  
Bem me quer  
Mal me quer  
Bem me quer  
Mal me quer

Ou faça sol  
Faça tudo ou quase  
Ou quase

Quase nos houve acordo  
venhamos com  
Aquilo que tratamos desde o início  
É preciso...  
É preciso...  
Falar do Fim do Mundo

ou  
Por outro lado podemos  
tratar de outras coisas  
uma vez que  
a Sorte ajuda aos audazes  
se se acredita o sonho se realiza  
o copo nunca está meio vazio se arrepende mais do que  
[não se faz acreditar você mesmo que os outros lhe acreditarão

Ah, ao euroaquilão, restam chacarrices  
Pusemos, oh, todos  
Os pés nos supedâneos, gabolices  
Sim, ventos de outonos

Enfim, quais os cenhos franzidos, quais os lábios retorcidos  
Onde Hércules, I-Juca Piramas, Patacas, Macunaímas, que tanta graça têm como  
ninguém  
Afinal sensa(l)cioal em geral choramos quando açúcar demora indignamo-nos com  
[a fome no mundo  
xingamos muito no tuíte rimos boas e compramos mais na rede  
eis os espectros de nossas emoções...

– Que resta a dizer?  
– Que dizem dos heróis que há?

### **Marcos Roberto dos Santos Amaral**

Professor da rede estadual de ensino do Ceará. Publica artigos acadêmicos que tratam sobre questões de linguagem e sociedade; publicou ensaio literários e as seguintes poesias: “Hora Extrema”, “Isca de Iago”, “Libertação”, “Os Bailarinos”, “Meu Amor”, “Enterro”, “Carmen”, “Ode à África”.